



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOME DO AUTOR. Título do trabalho. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

UM RESGATE DA CONDIÇÃO BÁSICA DE PENSAR, ESTAR NO CORPO

Márcia Castanho Lavaqui Gonçalves

RESUMO:

O trabalho da Terapia Morfoanalítica a partir do caso clínico de uma paciente que chegou completamente desestruturada e “fora de si mesma” e como o trabalho proposto pela Terapia Morfoanalítica favoreceu a construção de um envelope de contenção e integração para o Eu, resgatando a capacidade de pensar e sonhar.

Palavras-chave: Cadeias musculares. Psicanálise Ativa. Psicossomática. Postura. Serge Peyrot. Terapia Psicocorporal Morfoanalítica.

Pretendo apresentar a vocês com este caso clínico como foi possível resgatar a condição básica do pensar utilizando o quadro da terapia Morfoanalítica.

Primeiro contextualizar um pouco dentro da evolução das terapias, o lugar que a TM ocupa. Classificamos a TM como uma Psicossomatoterapia. Surgiu a partir da fisioterapia, das cadeias musculares de Mm Mézières. Para quem não conhece ela foi a precursora das cadeias musculares e do pensamento de que o que causa os desequilíbrios do sistema musculo esquelético somos nós mesmos, não a gravidade como se pensava até então. Ela entendeu que sofreremos um desequilíbrio tônico, e não de falta de tônus. Alguns grupos musculares têm tendência a um excesso, especialmente os músculos tônicos da cadeia posterior. Isto transformou a maneira de conduzir o tratamento dos desequilíbrios posturais, que primavam por ganhar força nos músculos da dinâmica, para combater os excessos tônicos da estática. Tinham até algum sucesso, porém com consequências, especialmente articulares. No pensamento de Mézières, trata-se de diminuir os excessos da estática e permitir que os da dinâmica tenham um melhor desempenho.

Serge Peyrot foi aluno de Mézières na França, utilizava no consultório as posturas mezieristas. Porém ele percebeu que a partir dos trabalhos posturais realizados alguns pacientes começavam a ter manifestações emocionais, lembranças ou pensamentos que não eram esperados. Mas ele percebeu que sim, que estas manifestações tinham como elemento propiciador o trabalho que era feito, e não algo indesejado que deveria ser encaminhado. Foi



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOME DO AUTOR. Título do trabalho. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

em busca de compreensão desta dinâmica relacional, na psicanálise, e chegou a Jean Sarkisoff, psicanalista suíço que desenvolveu a psicanálise ativa.

Serge, a partir de seus estudos com a psicanálise ativa, foi compreendendo que o que surgia na sessão quando retrações musculares eram liberadas eram memórias impressas especialmente de um tempo pré-verbal, onde o sensorial prevalecia. Pura sensação, o bebê tudo capta e grava. Mas são memórias sensoriais, vividas a partir do sistema músculo esquelético, dos milhares de receptores sensitivos que temos espalhados na pele, nos músculos e nas articulações. E também dos órgãos sensoriais, audição, visão, paladar, cheiro e tato. Sem possibilidade ainda de simbolização, esta história fica gravada em forma de sensações. As manifestações que surgiam também falavam de memórias, boas ou de experiências traumáticas, tanto físicas quanto emocionais que ocorriam durante a vida. Memórias de sentimentos e dores que não puderam ser elaborados no momento do trauma, seja pela intensidade do evento traumático, sejam pela impossibilidade de elaboração.

Como se pode observar, estamos falando de três aspectos, o físico, o sensorial e o emocional. A Terapia Morfoanalítica trabalha com todos estes aspectos num mesmo momento, dentro da relação transferencial que se instala no quadro terapêutico. Quero falar de Laura, e colocar você dentro da sessão.

Laura (nome fictício) pede uma entrevista para o mesmo dia. Já no contato telefônico percebo em sua voz um timbre carregado de tensão, como alguém prestes a chorar. Chega bastante emotiva, chorando, dizendo que não se sente em si mesma. Conta que está em psicoterapia há dois meses, mas continua desesperada. Esta terapia era para ser de casal, mas o companheiro não apareceu, e ela seguiu fazendo sozinha. De imediato vejo que a mudança de enquadre da terapia de casal para uma individual não foi bem assimilada por ela. Chegou até esta terapia por um amigo. Tem um pedido de socorro, de urgência. Após este primeiro momento de intensidade emocional, passa a falar num discurso regular, de certa forma até mesmo desafetado, um pouco da sua história. Percebo que muda o tom da voz, agora é apenas um relato de uma sequência de perdas.

Conta que perdeu a mãe em 2006, e desde então tem enxaqueca.

Em 2009 sofreu um assalto violento.

Em 2013 seu marido morreu de infarto.

É advogada, e depois que enviuvou trabalhava muito, acabou conhecendo uma nova pessoa em 2015, depois de um ano chorando, e trabalhando. Então me diz que se separou do



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOME DO AUTOR. Título do trabalho. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

namorado atual, e depois desta separação a enxaqueca voltou. E está neste estado de desamparo. Palavra usada por ela. Sente-se triste e não tem vontade de trabalhar. Quer saber se vai sair disso.

Sendo apenas uma entrevista, digo que seria difícil saber esta resposta agora, mas que podemos ir elaborando este sentimento. Pontuo que parecia que ela estava vivendo um desamparo que podia ter a ver também com outras perdas já vividas. E ela diz que faz sentido. Que ela sente muita falta do marido, mas não sofreu tanto como agora. Revela que seu relacionamento atual era abusivo, verbalmente, mas só uma vez ele a agarrou nos braços.

Penso que ela entrou numa relação ainda sem fazer todo o luto do marido. Mas que é interessante que sofre mais deste relacionamento que da morte do marido, pois havia contado que tinham um bom relacionamento. A enxaqueca está associada com a morte da mãe, é deste luto que estamos falando;

Tem 3 irmãos que não tem muito contato, e as relações de amizade são mais superficiais, não a deixam viver a tristeza, querem beber para sair disto. Ela não quer isto para ela, quer entender.

Pergunto sobre a enxaqueca, e o que já tinha feito a este respeito. Ela me diz que tinha feito um tratamento, tinha melhorado, mas voltou julho passado, com a separação.

Questiono sobre a sua terapia, ela disse que nem ia voltar. Digo que seria bom voltar lá e encerrar, não sair sem fechar. Para além da questão ética, que estou considerando, penso também na sua história de perdas e cortes. Despedir-se é diferente de cortar.

Primeira sessão:

Chegou se dizendo muito confusa, perdida, muitas linhas se cruzando na cabeça. No primeiro momento da sessão fazemos uma Leitura Espontânea. É realizado em pé, frente a frente com o terapeuta. É um momento em que convidamos o paciente a sentir seu corpo e relatar o que sente. Importante tanto para observar o quanto ela percebe de si mesma, quanto para ajudar a ampliar o referencial sensorial do seu corpo. Estamos analisando como a paciente se coloca em pé, nos três planos, e os eixos. Como seu corpo me impacta, o que me chama mais a atenção. Esta leitura é realizada em cada sessão, e serve como ponto inicial de percepção do próprio corpo, para ir aumentando este repertório sensorial, e para identificar seu estado emocional no presente, associando com seu corpo, seus sintomas e tensões.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOME DO AUTOR. Título do trabalho. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

Pois neste momento, quando pergunto quais são suas sensações, ela fala dos ombros muito juntos e enrolados. E dor no trapézio E, dor de estomago, que a acompanha desde sempre. Piora quando está tensa. Todos estes sintomas me levam a pensar na respiração, e em toda a musculatura que utiliza para bloquear o movimento respiratório. Vejo seu abdômen muito contraído. É neste momento inicial que também iniciamos o primeiro contato corporal com o paciente, antes apenas pela observação visual. Aviso que vou me aproximar, convido a ficar em contato como percebe minha aproximação. Vou atrás dela e aviso que vou tocar em seus ombros. Nunca tocamos no paciente sem permissão. Que seja verbal ou implícita. Ao tocar e perguntar qual o sentimento que vem, ela fala sem duvidar em alívio. Tocar num paciente com este cuidado com a pessoa inteira, convidando a estar presente no toque cria espaço para que o corpo seja parte integrante do processo terapêutico, não um objeto de investigação. Ao tocar em Laura, e não apenas no seu corpo, ela se sente tocada em toda dimensão do seu desamparo, ao se sentir finalmente acompanhada, vem o alívio.

No passo seguinte eu a convido a se deitar. Trabalhamos no chão, sobre um tatame. Esta mudança de plano vertical para o horizontal convida o paciente a entrar mais em contato com o sensorial, abrindo portas para sensações e sentimentos adormecidos. Continuo a solicitar quais são as sensações que percebe agora. Ela fala que parece que está inclinada para a E, e vejo isto, o corpo não está pousado. Está mais em contato com o corpo real e sensorial. Já fala do corpo como o sente neste momento, dentro do que pode perceber. A LE abriu esta porta de percepção dela mesma, e vai ao encontro do que ela, na angustia da entrevista, dizia sobre não estar em si mesma.

Proponho agora o toque na barriga. Apesar de na LE já ter tido o toque, agora este tocar convida a sentir o que vive, aberta a tudo que surge, seja no corpo real, no sensorial ou no emocional. O começo de uma relação de corpo a corpo com o paciente. Percebo na minha mão a temperatura da sua pele, a tonicidade dos músculos da barriga, a tensão visceral, o ritmo respiratório. Percebo no toque se está presente neste lugar do corpo. E ela diz que quase não sente, está muito confusa, e chora. Depois de um momento proponho deixar vir a emoção, mas ainda sentir minha mão. Este convite abre espaço para que possa viver a tristeza aqui, e sentir que tem uma presença que acolhe. Peço para ocupar este lugar e respirar no toque, e ela vai soltando um pouquinho mais. Percebo que vai soltando nas vísceras. Sem fazer um trabalho respiratório propriamente dito, ela respira mais. Ela comenta: parece que os músculos estão se soltando dos ossos. Penso na segunda pele muscular que precisou usar para manter



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOME DO AUTOR. Título do trabalho. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

alguma coesão. Apenas o toque na pele e o convite a sentir minha mão, a vir ao meu encontro. Isto bastou para que pudesse retomar um movimento respiratório, mesmo ainda restrito. Como um radar, capto na minha mão o desamparo que vive, e na procura por um lugar onde se apoiar ela vem respirar no meu toque. De olhos fechados, com a emoção conectada com o sensorial, está imersa numa camada menos mental, onde as defesas contra as angústias de aniquilamento estão menos ativas. No limite de suas resistências, as defesas corporais vão cedendo em contato com o corpo da terapeuta. O corpo não mente, vejo que solta o peso. Ajudo a sentir a partir das minhas mãos o corpo respirando, em movimento. A cada toque peço para acompanhar de dentro e sentir os micro movimentos da bacia, na coluna, nas vísceras, as costelas antes bloqueadas ganham um pequeno movimento, mas o suficiente para sair da rigidez.

Este trabalho muito suave e profundo permite que esteja dentro de novo, mais integrada. Quando pergunto quais são as sensações que vem agora, ela fala que está respirando. E muito aliviada.

Peço para ficar em contato e se deixar viver este alívio, respirar, e aguardar que a compreensão vai chegar, para não ficar tão focada no mental neste momento. Ela aceita. Ajudo a sentar e ela fala que tem muito alívio, e em pé diz que soltou muito o peito, cresceu entre o esterno e a cabeça, muito alívio. Fazia tempo que não se sentia assim.

Segunda sessão:

Nesta sessão ela chega dizendo que ainda está muito angustiada e passando mal, como antes.

Na LE relata mal estar no estômago, peso nos ombros e dor de cabeça e dor no corpo ao toque.

Convido a se deitar, vejo que está transbordando novamente. Faço o contato inicial da mão no ventre e ela deixa vir o choro represado. Penso que é preciso deixar vir esta carga emocional conectada comigo, que não seja de novo um choro em desamparo.

Sem cortar a emoção proponho uma massagem na cabeça, ela aceita. No início ainda tinha um choro que eu disse que podia deixar vir, que podia fazer a massagem mesmo assim. Essa massagem é muito suave, de mobilização dos líquidos a partir do envoltório de pele, no rosto, no pescoço e crânio. O terapeuta morfoanalista está para além da técnica, está em contato com o todo do paciente. Tenho em minhas mãos todo o seu corpo, em conexão com seu desamparo. Ela foi se acalmando e no final está muito no chão.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOME DO AUTOR. Título do trabalho. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

P_ Parece que entrou ar dentro de mim.

T- Onde?

P- Na barriga, no peito e no cóccix. Muito alívio. Neste final de semana eu sonhei, desde que meu marido morreu eu não sonhava.

Vejo aqui como o trabalho no corpo desde a primeira sessão trouxe uma reação imediata no psiquismo dela a ponto de sonhar, coisa que não tinha há anos. Como se a roda se destravasse.

Fala de três sonhos. Comento aqui o conteúdo dos sonhos, pois que falam de um inconsciente que está na emergência de uma compreensão.

Sonho 1: estava num congresso e ia dividir o quarto com o irmão mais novo, e entra um estranho e ela se incomoda e o coloca para fora. Então está num carro com o irmão, o carro se desgoverna e ela tira a chave.

Reflico que ela tem ainda certo controle no desgoverno da relação com o namorado, algum recurso interno para evitar o excesso.

Sonho 2: estava com os irmãos e a mãe num parque aquático, muito gostoso. Está tentando passar a senha de um celular para o outro, mas não dá tempo, quando vai passar o celular apaga e tem que recomeçar. A mãe está do outro lado do muro, e começa a jogar água nela com um revólver de água, ela se assusta e acorda suando. Sente-se mal como no sonho do carro desgovernado.

Sonho 3: Tem que ir ao banheiro e quando entra é um banheiro muito sujo, cheio de fezes espalhadas, quase vomita, ao sair tem que pular uma poça de água parada, com muitas moscas varejeiras. Fica preocupada que pensem que foi ela. Acorda assustada suando muito.

Quando pergunto o que associa destes sonhos fala que acha que o homem estranho é seu namorado. Chora.

P- Não entendo como fui acreditar nele. Sento-me mal por isto, não suja, mas como se fosse.

E volta a ter muitos pensamentos confusos, acelerados. Expressão de dor.

T- Parece haver culpa por acreditar e gostar muito dele.

Penso na reincidência da enxaqueca, que começou após a morte da mãe e que tinha voltado agora após a separação do namorado.

Volta a falar do namorado, sente falta dele.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOME DO AUTOR. Título do trabalho. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

P- Você acha que um dia vai passar? Racionalmente eu entendo, mas... e me olha com dor.

Eu continuo a frase:

T- ... Mas a senha ainda não chegou no coração.

Ela entende a analogia com o sonho dos celulares, me olha e sorri.

Entendo que estar fora de si mesma foi a solução que achou para não sofrer a angústia do que não podia entender, sentia-se traída e confusa.

Para além da relação com o namorado penso nas relações parentais, que ainda não tinham surgido. O que não podia ser assimilado? O que era de difícil compreensão?

Aqui vejo a manifestação do luto não elaborado ainda, está no racional, mas não houve integração psicossomática, uma dor que precisa ser integrada corporalmente. Tem o luto do marido e o do término do relacionamento. Além do luto da mãe. Onde está o pai?

Volto no sonho.

T- Você associa o sonho da sua mãe, do revolver de água com ele?

P- Sim, ela era carinhosa, como ele. E continua me dizendo que ele é ótimo, carinhoso, responsável, mas que no que se refere ao relacionamento com a mulher não.

T- Parece que no sonho o choque quando sua mãe atira é semelhante ao que sente quando ele te trai.

O susto pelo tiro d'água vindo da mãe faz pensar numa agressividade disfarçada de lúdico, como o sentimento que tem em relação ao namorado, sente-se enganada com a desonestidade amorosa.

P- Eu nunca o traí, mas ele acabava virando para mim, dizia que eu o traía, mas nunca traí. Tinha que ficar prestando contas de tudo que fazia.

E me conta cenas de ciúmes dele, que ficava controlando sempre.

T- Parece que você tinha que ficar se justificando por tudo que fazia.

P- Isso é um absurdo, pois sou inocente!

Ela sente que é entendida quando uso a palavra Justificando, diz que era assim mesmo que se sentia. E conta episódios profissionais nos quais ele questionava sua conduta com colegas, como se ela o estivesse traindo. Ele a confunde, e a deixa confusa, sem saber o que realmente aconteceu, duvida de si mesma.

T- Como se sente agora falando sobre isso?

P- Meio enjoada.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOME DO AUTOR. Título do trabalho. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

T- Você associa este enjoo com um sonho?

P- O sonho da sujeira, como se tivesse feito algo errado, mas que não fui eu.

No sonho ela entra num banheiro sujo, mas se preocupa que pensem que foi ela quem sujou, associa com esta situação com o namorado, que a trai, mas que faz parecer que é ela a traidora. O que é preciso a partir daqui descobrir o que a capturou nesta relação abusiva. Qual a necessidade em se manter num relacionamento abusivo, que ela percebe como tal, mas não pode sair?

É o final da sessão, diz que está muito cansada, não entende bem por que, pois no final de semana só dormiu. Digo que isto é normal, que ela está fazendo um trabalho psíquico intenso, e isto gasta muita energia, cansa muito.

Revela que na segunda teve um bom dia no trabalho, produtivo, que isto não acontecia desde que tinha ficado viúva. Podemos ver que no momento em que o aparelho psíquico começa a funcionar, retoma a criatividade, a energia que estava a serviço da repressão agora está livre para permitir a retomada das funções mais normais da vida sem desgastá-la.

Em pé diz que está aliviada, que está respirando, percebe que os ombros estão mais soltos, os pés recebem mais o peso do corpo. A conscientização da mudança no corpo que é feita no final de cada sessão permite que o paciente vá desenvolvendo mais autonomia ao mesmo tempo em que vive a possibilidade de entrega, e diminui muito a defesa.

Falo do trabalho em roupa íntima e ela aceita.

4ª sessão

Nesta sessão ela vem mais no eixo, mas ainda angustiada. Vejo, agora que está em roupa íntima, a forma como organiza seu corpo na posição em pé. Nesta posição podemos ver todas as compensações instaladas ao longo da vida para garantir a verticalidade. Vejo o que as tensões provocam nos planos frontal, lateral e transversal do seu corpo, algumas muito resistentes pelas retrações instaladas nas fibras musculares pelos anos de contrações crônicas.

Ajudo a perceber algumas das compensações em forma de perguntas, sem induzir para que possa perceber o que está mais consciente no momento. Isso por si só tem um efeito importante no Esquema Corporal registrado a partir da imagem que tem dela mesma. É o que vai permitir transformações estruturais no Esquema Corporal, como exemplificado na neurociência.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOME DO AUTOR. Título do trabalho. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

Convido a se deitar. Vejo nesta posição que a tensão presente na barriga não permite que solte o peso do corpo. Mas esta tensão está lá por um bom motivo, e não posso simplesmente soltar sem que ela esteja se sentindo amparada, o que vai permitir pensar na dor.

Proponho o toque mão ventre, faço um trabalho respiratório, que ela responde soltando nas vísceras, e me relata estar mais no chão. Em seguida massagem golfinho. De novo é uma massagem dos líquidos, agora dos membros. Solta ainda mais o peso. No final da massagem pergunto quais são as sensações. Ela conta de um sonho que lembrou:

Sonho: Estava voltando para casa e quando entrou havia uma bagunça, tudo caído, achou que fosse um roubo, mas não, era só uma bagunça, e depois virou uma festa e o teto ia ruir, saiu num clarão, estava na rua e pensava que devia avisar o namorado que ela estava bem, no sonho o homem era um homem do trabalho dela, que é bem sucedido e respeitável, mas a mulher o denunciou.

Ela percebe que ele é o namorado.

T – Deixou uma bagunça em casa, mas você saiu a tempo antes de desabar.

Fala de um encontro com o irmão, e que falaram do passado. É interessante como o trabalho permitiu a lembrança do sonho que fala da relação presente, e agora surge o passado. Na Terapia Morfoanalítica dizemos que o paciente vive o trabalho corporal no presente, mas reage no passado. Nesta sessão podemos ver isto acontecendo, a massagem realizada permitiu soltar tensões profundas que a mantinham fora de seu eixo, uma bagunça que anunciava um desabamento. Então fala do passado, conta a história da família de origem. O pai era distante da mãe e filhos, tinha um carro conversível que só ele saía para passear. A mãe tinha um carro para cuidar dos filhos, e nunca saiu no carro com o marido. O pai bebia, mas não era violento. Nunca os viu brigando. Ele morreu quando ela tinha 13 anos, de cirrose.

É a primeira vez que fala do pai. Isto chama a atenção. O que o paciente fala e o que omite são indícios das defesas. Chora, tem saudades da mãe. Conta que ela era linda, vistosa, loira deslumbrante. Lembra-se dela no seu aniversário de 7 anos, o pai fez uma festa e a mãe estava linda, comenta que estavam “iguais” na roupa de mesma cor. Não se dá conta que havia uma violência silenciosa, um pai ausente que desqualifica a mulher submissa.

E volta no presente, fala do namorado, que ele engravidou duas mulheres que abortaram, e a traía sempre. Sente-se mal de gostar dele, e de sentir muita falta dele. Pergunta



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOME DO AUTOR. Título do trabalho. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

de novo se isto vai passar. Percebe que ele tem uma semelhança com seu pai. Projeções do seu mundo interno nesta relação atual.

7ª sessão

Vem mais calma nesta sessão, ainda com mal-estar na barriga, ombros muito elevados.

Na LE quando toco no ombro ela diz que solta tudo, dá alívio. Agora já percebe o efeito do toque nos sentimentos e no corpo.

Deitada:

Fala do corpo, que sente que aqui pode se esparramar um pouco, e tem silêncio. Convido a ficar em contato com as sensações e a respirar na Onda Respiratória. Tem dificuldade em deixar sair o som.

Início hoje o Trabalho Postural Global utilizado na Terapia Morfoanalítica. Utilizamos a base postural estirando todas as cadeias musculares ao mesmo tempo, desfibrosando o diafragma considerado o centro das tensões. Alinho o eixo central, em seguida fazendo a pompagem do sacro e estirando a coluna a partir do sacro, depois de descer os ombros, outro estiramento da coluna, agora a partir da nuca fazendo o estiramento cervical, e por fim a elevação dos pés, que fecha o estiramento da cadeia posterior. Esta base fará surgir as compensações em outros planos, que vamos corrigindo de forma bem dinâmica e em cumplicidade com o paciente, que vai seguindo as correções no seu corpo sob o comando do terapeuta. Ela acompanha bem. Este trabalho permite muitas correções em todos os planos. Como está sendo realizado dentro da relação terapêutica, quero dizer, uma comunicação constante entre terapeuta e paciente, o terapeuta pode acompanhar a carga emocional que pode surgir ao se soltar fibroses crônicas, e o paciente que se sente acompanhado nesta profundidade pode entrar em estados regressivos confiando que não está mais sozinho. Às vezes há uma grande descarga de energia acumulada nas contrações de defesa. Outras vezes surge uma consciência a partir do corpo.

No final ela diz:

P- Me sinto grande, igual Alice no País das maravilhas, que não passava na porta. Mas depois ela toma uma pílula e fica pequena.

T- Outro dia você falou que se sentia uma menina.

P- Me sinto assim às vezes, quando estou grande lido melhor com meu namorado, mas com ele fico quase sempre pequena.

T- Você acredita que é deste tamanho?



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOME DO AUTOR. Título do trabalho. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

P- Não me sinto.

T- Então..., ainda não tenho pílula mágica. Ela ri.

P- me veio uma lembrança de uma historia... Um homem foi dar uma aula e levou a filha junto. Ela fazia muita bagunça e então ele pegou um mapa e cortou e fez um quebra cabeças e disse para ela montar. E ela tentou, mas era difícil, então ela percebeu que atrás do mapa tinha o desenho do corpo humano. E montou o corpo humano. O pai dela ficou espantado, e ela explicou para ele que montou o corpo e do corpo montou o mundo. Então, resultado, para estruturar o mundo precisa estruturar o corpo! Eu me sinto mais estruturada agora. No final de semana o V. queria conversar e eu fui firme, e ele desistiu. Lembra-se do sonho da senha? Descobri que a senha é Convicção. Estou convicta que ele não vai mudar, sei que ele é assim mesmo. Ficou mais fácil.

Vejo que ela agora pode discernir o que é dela e o que é do namorado. Está mais estruturada no seu corpo, e assim pode olhar para o mundo. O que mudou foi ela, o mundo ainda é o mesmo. Tudo isso fala do quanto a forma como se desenvolve a criança no início da vida, como vai se organizando no seu esquema corporal amparado no entorno familiar vai estruturar a forma como vai se colocar no mundo.

T- Aceitou a ideia que ele é deste jeito.

P- Sim. Muito melhor. Silêncio. É impressionante como não sinto meu corpo.

T- Como percebeu isso?

P- Quando você ia falando para soltar eu nem estava sentindo que estava preso.

T- Entendo. Vou te dar uma massagem agora.

Proponha a Massagem sensitiva, esta massagem é muito delicada, no envoltório de pele. Faça chamando muito a presença dela em minhas mãos, detalhando tamanho, espessura, temperatura e para a pele onde eu tocava, sentindo o volume e comprimento dos braços e pernas.

P- Estou muito grande. Não parece que tenho 1.60cm. E foi bom sentir a pele, macia. Dá muita tranquilidade. Fazia muito tempo que não sentia isso.

T- Vou te ajudar a sentar, pode se espreguiçar.

Ao ficar sentada ela comenta:

P- Sinto esta questão do tamanho, pequena e grande. Olhando parece que sou menor do que eu estava sentindo.

T- Alice, grande ou pequena?



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

NOME DO AUTOR. Título do trabalho. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.) 24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais.** Curitiba: Centro Reichiano, 2019. [ISBN – 978-85-69218-04-3]. Disponível em: <http://centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/> Acesso em: ____/____/____.

Em pé ela fala de um desenho do corpo que fez no maternal, fazendo o traçado do corpo no chão. E que agora está sentindo isso, que é muito bom se sentir dentro deste traçado. Está falando que está dentro do corpo. O que permitiu isso foi o quadro de trabalho, ajuda-la a estar no presente comigo, na qualidade da presença, e poder viver o passado no presente, e pensar na dor do presente e do passado.

T- Qual o sentimento?

P- Equilíbrio.

T- Isto é uma sensação, e o que vem com o equilíbrio?

P- Tranquilidade. Paz.

Ela sorri. E se troca. Agora que está dentro de si mesma, poderá seguir aprofundando e elaborando as questões relacionais e familiares que foram emergindo durante estas sessões iniciais, para viver relações amorosas mais livres das marcas do passado.

REFERÊNCIAS

PEYROT, SERGE. **Antropologia Morfoanalítica**; Boletim dos Terapeutas Morfoanalistas do Brasil- O Boletim Morfoanalítico; dez.2002.

PEYROT, SERGE. **A importância dos cuidados corporais para a construção da personalidade.** Em O Boletim Morfoanalítico, nº 1.

SARKISSOF, JEAN. **Cuerpo e Psicanálisis.** Desclée de Brouwer. 1998.

AUTORA E APRESENTADORA

Márcia Castanho Lavaqui Gonçalves / São Paulo / Brasil

Terapeuta Psicocorporal Morfoanalista / 1998. Formação direta com Serge Peyrot, Coordenadora e Assistente de Formação em Terapia Morfoanalítica no Brasil, Terapeuta Didata e Supervisora, Fisioterapeuta / 1983, especialização em Psicodrama Pedagógico, especialização em Psicossomática Psicanalítica pelo Instituto Sedes Sapientiae em SP, membro do Departamento de Psicossomática Psicanalítica do Instituto Sedes.

E-MAIL: marcia.lavaqui@hotmail.com

Este artigo veio acompanhado da DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA DA NÃO VIOLAÇÃO DE DIREITOS AUTORAIS DE TERCEIROS, de posse do Centro Reichiano.